

A INCLUSÃO POSSIBILITADA PELAS ATIVIDADES CIRCENSES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Lethícia Nascimento Meira; Silvana Nóbrega Gomes.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ le.ed.fisica@hotmail.com

Resumo: O presente estudo teve como objetivo possibilitar a experiência de formação inicial dos discentes do curso de Educação Física do UNIPÊ participantes do Programa PIBID, dentro do contexto escolar iniciado com a exploração e aprofundamento do conteúdo de Atividades Circenses e inclusão na educação física escolar. Foi realizado através de aulas na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Eugênio Lins de Albuquerque, localizada no bairro do Ernesto Geisel, na cidade de João Pessoa- PB. Privilegiou cerca de cento e oitenta discentes de ambos os sexos, estando incluídas entre elas crianças portadoras de necessidades especiais, tais como síndrome de down, autismo e TDAH, pertencentes à primeira fase do ensino fundamental (Pré I ao 4º ano), com idade entre 05 e 11 anos, no turno da manhã, com uma intervenção semanal de duas aulas de 30 minutos de duração em cada turma, entre os meses de julho a dezembro de 2015, onde os mesmos foram levados a conhecer e diferenciar atividades praticadas no âmbito circense, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem dos vários benefícios ao funcionamento do corpo humano, como coordenação motora, domínio visual, flexibilidade, força, equilíbrio, noções de lateralidade e direção, entre outros, e desenvolvendo nos alunos diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto superação e da autoestima. Assim, esse trabalho apresenta o desenvolvimento da prática da iniciação à docência em educação física, possibilitado a partir das experiências dos discentes no PIBID do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ, pela exploração e aprofundamento do conteúdo.

Palavras-chave: Atividades circenses, Inclusão, Educação Física escolar.

INTRODUÇÃO

As atividades circenses têm encantado gerações e despertado o interesse e o brilho nos olhos de muitas pessoas independentemente de faixa etária. FONTES (2010) define a arte circense como sendo uma manifestação da cultura popular, ou seja, expressões humanas em que existe uma linguagem corporal voltada para a expressão e vivência. Dessa forma, é algo em que o próprio povo produz e que, participando ativamente dessa interação, expressa o seu

lado artístico por meio da utilização de movimentos e expressões corporais.

Estudar o circo pode parecer tarefa fácil se a encararmos como uma simples diversão ou forma entretenimento banal. Porém, sua essência vai além de sua visão como forma de passatempo, sem produção material social. Ela possui rica dimensão humana, de sensibilidade e expressão entre o meio e a sociedade.

A arte circense permite à criança experimentar o brincar educativo por meio da sua característica de arte multilinguística,



podendo ser vivenciada no teatro, nas artes plásticas, na dança, na música e na expressão corporal lúdica, intrínseca ao ser humano.

Para as crianças portadoras de necessidades especiais, o circo se apresenta como uma oportunidade de se expressar, adquirir novas experiências e obter realizações pessoais e em grupo, em “situações educativas que coloquem em jogo relações de cooperação, confronto e comunicação com o próximo” (FOURCHET, 2006, p.22).

Assim, a Educação Física Escolar tem quebrado paradigmas no que se refere a sua proposta de ensino, agregando em seu currículo elementos que divergem da proposta intrínseca em nossa sociedade, a qual acredita que as aulas de Educação Física devem ser limitadas aos jogos coletivos, ou seja, aos esportes de um modo geral. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a disciplina deve trabalhar as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos (BRASIL, 1996), considerando que é dentro desse processo de ensino e aprendizagem que os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto superação e da autoestima (COSTA, TIAEN, SAMBUGARI, 2008).

Buscando um meio eficiente para assegurar às crianças com necessidades especiais a construção de um espaço social que os aceite e os respeite com suas possibilidades e limitações individuais, a Educação Física surge com uma proposta inovadora de inserir as atividades circenses dentro da escola. As atividades relacionadas ao circo atendem às propostas de ensino que norteiam a Educação Física, pois dentre os vários benefícios ao funcionamento do corpo humano, podemos listar alguns exemplos de como sua prática auxilia no processo de ensino e aprendizagem, pois trabalha a coordenação motora, o domínio visual, a flexibilidade, a força, o equilíbrio, as noções de lateralidade e direção, entre outros (COSTA, TIAEN, SAMBUGARI, 2008).

Vygostky (2003) define a atividade [criadora] como sendo “uma manifestação exclusiva do ser humano, pois só este tem a capacidade de criar algo, em que entram em ação as funções psicológicas dos seres humanos”. Assim, podemos imaginar o circo como essa criação desafiadora que visa unir a educação inclusiva com a realidade além dos muros das escolas, proporcionando relações interpessoais entre os educandos e toda a comunidade escolar.

Assim, levando o fascínio pela arte circense à Escola José Eugênio Lins de Albuquerque, abrindo um leque de



oportunidades aos portadores de necessidades educativas especiais e mostrando-lhes suas capacidades de realizar atividades de cunho artístico-educacionais individual ou coletivamente, dentro de um processo particular e diferenciado de criação, a partir das experiências adquiridas ao longo de nossas aulas com o tema atividades circenses na escola, temos o objetivo de possibilitar a experiência de formação inicial dos discentes do curso de Educação Física do UNIPÊ participantes do Programa PIBID, dentro do contexto escolar iniciado com a exploração e aprofundamento do conteúdo de Atividades Circenses e inclusão na educação física escolar.

METODOLOGIA

Na composição deste trabalho o método foi desenvolvido com o conteúdo de atividades circenses, pois como destaca (ROCHA, 2009) as atividades do circo em vários lugares do mundo, vêm seguindo como adeptos da educação física e das outras disciplinas, por serem atividades que geram atitudes com um potencial educativo, não somente se baseando ao domínio corporal.

Durante o processo de ensino e aprendizagem, os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da

criatividade, a melhora da auto-superação e da auto-estima.

O estudo realizou-se no segundo semestre de 2015, no turno da manhã, com uma intervenção semanal de 30 minutos de duração em cada turma (pré I ao 4º ano). As aulas com o conteúdo de Atividades circenses foram divididas da seguinte forma:

- Introdução ao tema de Atividades Circenses e Movimentos acrobáticos

Ao chegarmos à escola foi explicado aos alunos que iríamos abordar o novo conteúdo que seria sobre as atividades circenses. Posteriormente abrimos um pequeno debate perguntando se eles já tinham ido ao circo e quais os elementos contidos nele. Logo após os alunos foram levados para a sala de vídeo, onde foi passado um breve filme intitulado “O Sitio do Pica-pau Amarelo no Circo”, um episódio referente ao conteúdo a ser abordado.

Figura 1 – Filme na sala de vídeo



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

Na segunda aula, os alunos puderam vivenciar a prática dos movimentos vistos no vídeo e conversados na aula anterior, como os movimentos acrobáticos de três apoios: estrelinha, ponte e vela.



No primeiro momento, no ginásio da escola, foi realizado um alongamento com os alunos. O primeiro exercício foi à vela onde a criança, em decúbito dorsal, teve que elevar as pernas e o quadril, mantendo o corpo numa posição de equilíbrio invertido, a princípio com os joelhos próximos ao peito e depois com o corpo ereto, apoiado apenas na nuca e nos braços, com as mãos no solo ou ajudando a manter o quadril elevado. As crianças com necessidades especiais não necessitaram de maior auxílio para executar o movimento.

A ponte foi o segundo exercício, onde os alunos deitaram no colchonete, abraçando as pernas junto ao peito e balançando o corpo para frente e para trás, como se fosse uma bola. Em seguida, os alunos deitaram de costas, apoiando a palma das mãos na altura das orelhas e elevando o tronco, adquirindo flexibilidade e força. Fazendo o movimento da ponte. Para a realização desses movimentos as crianças com necessidades especiais não necessitaram de auxílio dos bolsistas.

O terceiro exercício foi à parada de cabeça ou três apoios. No movimento inicial o aluno colocou as mãos no solo e a cabeça formando um triângulo. Em seguida elevaram o quadril, até suas pernas ficarem estendidas. Com o quadril alto, praticamente na posição, para finalizar os alunos deveriam esticar as pernas, terminando assim a parada de mãos.

As crianças com necessidades especiais tiveram maior dificuldade em realizar esse exercício, sendo auxiliados pelos bolsistas.

No último exercício para o aprendizado da estrelinha, em uma única fila os alunos tiveram que fazer a tentativa do movimento da estrelinha usando uma cadeira como apoio para as mãos, e erguendo as pernas ao alto, tudo com o impulso e a ajuda do professor, aos poucos a cadeira foi tirada, e todos puderam fazer a estrelinha completa. As crianças com necessidades especiais realizaram os movimentos com a cadeira, mas não conseguiram realizar sozinhos o movimento da estrelinha.

Figura 2 – Aprendizado da estrelinha



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

Todos os exercícios foram realizados com a ajuda dos professores/bolsistas, evitando assim possíveis lesões. As crianças com necessidades especiais vivenciaram todas as atividades, relacionando-se com o grupo, e interagindo sem mais dificuldades. Também foi enfatizada a importância dos exercícios acrobáticos no conteúdo das atividades circenses.

- **Movimentos de contorcionismo e no Tecido acrobático.**



Iniciando a semana, foram lembrados os assuntos das aulas anteriores, e exposto o conteúdo da aula a ser ministrada a seguir, sobre contorcionismo. Em um grande círculo todos tiveram como única regra não soltar as mãos e apenas usar o movimento do corpo, flexionando-o para passar o bambolê de um para o outro ao entrar e sair do mesmo, repassando-o sem deixá-lo cair. Variações do mesmo exercício foram feitas, com os alunos em filas de mãos dadas, ou correndo, todos com o mesmo objetivo de passar o bambolê apenas usando movimentos de flexibilidade. As crianças com necessidades especiais participaram da atividade sem maiores dificuldades.

Na segunda aula o elemento aéreo do circo ministrado foi o tecido acrobático. Em princípio, foi feita uma apresentação no tecido acrobático com uma das bolsistas do PIBID. Logo após, foi apresentado um pouco da história do tecido no circo. Dando continuidade, foi realizada uma vivência com os alunos no tecido acrobático, com alguns exercícios de subida no tecido e de balanços.

As crianças com necessidades especiais ficaram com um pouco de medo de arriscar-se a realizar a atividade no tecido, mas, em seguida, com auxílio e incentivo dos bolsistas, eles aceitaram o desafio e participaram da atividade junto com as outras crianças.

Figura 3 - Vivência no tecido acrobático



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

- Confeção e prática dos Malabares

Nesta semana, começamos a falar sobre cada componente que compõe o circo, como os mágicos, malabaristas, trapezistas, os contorcionistas, equilibristas dentre outros. Após esta conversa, falamos sobre os materiais que cada profissional deste usa e, em seguida, os conduzimos até a área do parquinho, onde eles receberam dos professores bolsistas um balão de látex e, com o auxílio dos mesmos, abriram os balões para colocarem areia dentro deles até alcançarem um tamanho médio. Depois que todos já estavam com seus balões na medida certa de areia, foi entregue outro balão para cada um recobrir o primeiro cheio com areia. Feito este último procedimento, o professor apenas cortou o excesso do bico do balão para finalizar a confecção dos malabares.

Na segunda aula, no ginásio da escola, foi dada uma bolinha de malabares para cada aluno e pediu-se que eles manipulassem a bolinha do jeito que quisessem e, em seguida, passar de uma mão para a outra a jogando para cima.



Posteriormente, foram formadas duplas, onde os alunos passavam a bolinha de malabares de um para o outro em uma distância de pouco mais de 1m, depois foi aumentada a dificuldade com a adição de mais um malabares, onde os alunos deveriam trocá-las simultaneamente.

Figura 4 – Confeção/vivência dos malabares



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

Para finalizar, cada aluno já com seus dois malabares tentaram realizar variados movimentos, cada um à sua maneira, sem que fosse cobrado primor técnico da realização dos movimentos. As crianças com necessidades especiais não só realizaram a vivência sem auxílio dos bolsistas, como também foram muito participativas, interagindo com os colegas e demonstrando satisfação na aula.

- Confeção e prática do Swing-poe

Na quarta semana, os alunos puderam aprender um pouco mais dos materiais usados no circo e puderam vivenciar a confecção de mais um deles, o swing poe, onde o passo a passo da confecção foi feito da seguinte forma: colocamos todos sentados e cada um recebeu uma bolinha de malabares que foi feita na semana anterior, depois

entregamos três pedaços de TNT colorido cortados em tiras e uma fita plástica. Com a ajuda dos professores, os alunos deveriam envolver as tiras de TNT na bolinha de malabares e depois amarrá-la com o pedaço de fita plástica. Por fim, entregamos uma bexiga para que colocassem o malabares e as fitas dentro da mesma para um acabamento final, e assim estava pronto o swing poe.

Figura 5 – Confeção/vivência do swing poe



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

Antes que a aula finalizasse, ainda tiveram tempo de executar alguns movimentos com o material confeccionado. Da mesma forma como ocorreu na aula dos malabares, as crianças com necessidades especiais participaram da vivência sem maiores dificuldades.

Dando continuidade a aula anterior, os alunos utilizaram o swing poe confeccionados por eles para realizar movimentos giratórios, dos mais simples, com apenas um implemento, aos mais difíceis utilizando dois. Também foram realizados lançamentos com o swing poe, que consiste o aluno lançar o implemento ao alto e pegá-lo novamente.

- Caracterização e Vivência de Palhacinhos



Essa foi, sem dúvida, a aula que mais exigiu de nós com relação à inclusão e a mais prazerosa também pelo sucesso obtivo.

A aula foi iniciada com uma introdução sobre as características da profissão de um palhaço, que é uma profissão cheia de graça, e é um dos trabalhos mais bonitos, antigos e animados que existe. Depois de toda a explicação sobre como funciona o trabalho de palhaço, fizemos a caracterização de palhacinhos em cada aluno, pintando os rostinhos deles com tinta antitóxica, como verdadeiros palhaços.

E aqui surgiu o desafio quando percebemos que uma das crianças com síndrome de down, demonstrou medo de palhaço e chorava para não pintar o rostinho. Para ganhar a confiança dele me aproximei apenas com um pincel pequeno e algumas tampinhas sujas de tinta e entreguei o pincel na mão dele. Segurando o pincel, eu conduzi sua mão até uma das tampinhas com tinta e o fiz perceber que na fazia mal. Então, inclinei meu rosto para próximo dele e, segurando sua mão que portava o pincel, pintei meu rosto. Ele sorriu, foi aqui que percebi que estava conseguindo ganhar sua confiança.

A partir daí ele começou a pintar-me sozinho e se divertia com a sujeira que fazia em mim. Peguei, então, outro pincel e comecei a pintar seu rosto e ele, curioso, me deixou pintá-lo, desta vez sem medo ou

receio, mas com alegria. E isso foi muito gratificante.

Figura 6 – Pintura de rosto



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

Na segunda aula, o enfoque foi para à encenação de palhaço, em atividades que aguçassem a criatividade dos alunos e mostrassem um pouco da vivencia nessa prática circense tão importante. Falamos um pouco da história do palhaço ao decorrer dos tempos e os incentivamos a escolher um nome que representaria o seu “eu palhaço”.

As atividades realizadas na aula foram o “andar do palhaço” onde cada aluno, de maneira criativa, desenvolva seu andar de palhaço, “pular carniça”, e a brincadeira de mímica, própria do artista.

- Ensaio para a culminância e avaliação diagnóstica do semestre.

Para a realização da culminância do tema de Atividades Circenses na escola, cada turma ficou responsável de fazer uma apresentação que caracterizasse o circo. Como primeiro dia de ensaio, cada professor levou uma musica referente ao tema circo e



apresentou-as para sua turma. No primeiro momento, todos deveriam apenas escutar a música, tentando entender a letra, sentindo e se acostumando com o ritmo. Já no segundo momento os alunos foram posicionados e, juntamente com o professor, os passos da coreografia foram sendo criados e o ensaio foi dado com algumas repetições da coreografia criada. Para finalizar, foi realizada a avaliação do conteúdo de atividades circenses, feita através de um questionário.

- Culminância do tema com o “Circo do Zé”

O encerramento do tema de atividades circenses se deu com uma apresentação de circo, denominada “O circo do Zé”, envolvendo todas as turmas do pré I ao 4º ano, onde as crianças puderam mostrar à comunidade escolar, incluindo seus pais, tudo que aprenderam com o tema, através de performances desenvolvidas por eles com a ajuda dos bolsistas.

No dia anterior à apresentação, o picadeiro foi montado na quadra da escola e decorado com artigos circenses, bem coloridos, com todo carinho e cuidado, para chamar a atenção dos alunos e trazer para eles a sensação de estarem realmente num circo.

Chegado o dia da apresentação, iniciamos com a pintura dos rostos de todas as crianças, dos menores para os maiores. Em seguida os alunos foram conduzidos para a

quadra, onde estava montada a estrutura do circo.

O apresentador deu abertura ao espetáculo, anunciando, organizados em sequência, os artistas circenses e alunos que ali se apresentariam. As crianças menores fizeram apresentação de dança com músicas de circo. As maiores fizeram números de malabares, swing poe, palhaçada e equilíbrio.

Figura 7 – Culminância com o “Circo do Zé”



Fonte: Lethícia Nascimento Meira

Encerramos o nosso circo com uma apresentação de dança dos bolsistas e nos despedimos deles com a sensação de dever cumprido, afirmado pelos sorrisos nos seus rostinhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O aluno busca cada dia com mais frequência e necessidade experiências externas à escola que lhes trazem prazer e interação social e com o meio. Sendo assim, o professor de educação física necessita acompanhar essas modificações no cenário escolar e introduzir ao seu conteúdo programático curricular atividades que conjugam com a realidade do discente, lhe



proporcionando vivências que o possibilite não somente obter aprendizado, mas também lhe permitindo obter prazer e satisfação pelas aulas.

A atividade circense deve ser compreendida na escola como um processo interno que permite experiências riquíssimas exteriores e que tem fundamental importância para a inclusão de crianças com necessidades especiais, por se utilizar de habilidades como potencial intrínseco do indivíduo que possui desde a sua concepção atributos que necessitam ser percebidos e encorajados a se desenvolver no meio social. Vygotsky (2003) cita que quando esse pensamento produtivo e criativo é trazido à consciência do homem, se reflete no nível de absorção das novas aprendizagens.

O aluno com necessidades especiais possuem habilidades, dentro da sua limitação natural, que se estimuladas corretamente, se amplificam, tornando-o capaz de realizar movimentos acrobáticos, malabarísticos, de coordenação corporal, etc., sem maiores dificuldades. A maior dificuldade encontra-se, no geral, na superproteção dos professores e/ou familiares em não permitir tais estímulos por medo de que se machuquem ou sofram exclusão ou, em contrapartida, pelas expectativas exacerbadas por resultados visíveis rápidos, esperando deles um verdadeiro espetáculo em evolução, quando o

mais importante são as competências adquiridas no processo prático.

O “milagre” evolutivo da criança especial não é o foco do trabalho pedagógico, mas sim o processo de aprendizagem, a descoberta a cada passo e objetivo alcançado e a pluridisciplinaridade alcançada nas aulas de educação física, por meio do ensino das atividades circenses de forma inclusiva, socializadora e prazerosa, conduzindo o aluno ao que diz o escritor Rubem Alves (1994) quando cita que a felicidade demonstrada pelo discente em determinada atividade é o principal parâmetro avaliativo, onde se o aluno a demonstra em sua vivência, isso significa que sente interesse em aprender, bem como por continuar explorando o conteúdo a partir da alegria e prazer que o trás. Assim, “são parâmetros avaliativos reais e sinceros, logo diagnosticam a verdadeira aprendizagem” (CARTAXO, 2010, p.3).

Concernente ao tema de Atividades Circenses, os discentes demonstraram entusiasmo e contentamento com o conteúdo. Notaram as práticas circenses não só como um espetáculo, mas como uma profissão séria e relataram terem identificado novas características inerentes a esse contexto e seus profissionais. Conseguiram atingir os objetivos especificados nos planos de aula, vivenciando as práticas circenses e fazendo a devida associação à Educação Física. Quando



questionados sobre o que aprenderam com o tema, a maioria respondeu: “brincadeiras novas e divertidas, como malabarismo e contorcionismo.” Assim, os educandos conseguiram de forma lúdica e participativa, trabalhar habilidades cognitivas, motoras e afetivas, dentro de um ambiente e contexto agradável, propício à consecução dos objetivos providos da Educação Física.

CONCLUSÃO

A partir das experiências vivenciadas no projeto PIBID nas escolas, tivemos como proposta desafiadora a aplicação de conteúdos de pouca valorização nas escolas que, apesar de importantes e estimulativos para os discentes, nunca foram antes lhes apresentado.

Pudemos, também, crescer em conhecimento e experiência para atuar, de forma coerente e eficaz, na educação básica, inferindo que o conhecimento teórico por si só não é suficiente, sendo indispensável que o exercício prático da educação esteja atrelado ao processo de formação de professores, sendo esse de fundamental e primordial importância para a formação ética do futuro professor, bem como para seu preparo e segurança diante dos enfrentamentos futuros em sala de aula.

Com a experiência vivenciada na inserção de um tema novo ao contexto escolar juntamente com o desafio da inclusão, foi percebida considerável evolução no desenvolvimento motor das crianças, além da descoberta de tais práticas como uma vivência rica em conhecimento e prazerosa em sua execução. A partir disso, os discentes realizaram de forma muito satisfatória a associação da prática da educação física escolar ao conteúdo trabalhado, obtendo excelentes resultados nas habilidades exigidas nas atividades do tema, além de exercitar qualidades cógicas e socio-afetivas de grande importância para a convivência em sociedade.

Todo o envolvimento com o conteúdo associado à preocupação com a inclusão das crianças com necessidades especiais nos permitiu grande evolução e superação de limites, visando a promoção de uma educação de qualidade para os alunos contemplados pelo projeto PIBID.

Assim, vivenciando e interagindo as experiências singulares a cada um, nós pudemos crescer em conhecimento, certos de que a socialização e ajuda mútua dedicada a cada novo desafio, nos permitiu compreender que o ato de ouvir e aperceber-se do outro, muitas vezes, pode ser mais importante que apenas repassar conteúdo teórico e exigir o aperfeiçoamento dele.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. São Paulo. Arts Poética, 1994.

BRASIL, Lei nº 9.394. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996.

CARTAXO, Carlos. **O Circo na Escola: a extensão que leva à aprendizagem**. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil. [S.I.:s.n.]

COSTA, A. C. P.; TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. **Arte Circense na Escola: Possibilidade de um Enfoque Curricular Interdisciplinar**. Ponta Grossa: Olhar de Professor, 2008.

FONTES, Ana. **Artes circenses e a educação física escolar**. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte – CONDOCE. Brasília, p.481-466, 2010.

FOURCHET, Alain. **Las artes del circo: una aventura pedagógica**. Buenos Aires: Stadium, 2006.

ROCHA, C. C. M. **A Motivação de Adolescente no Ensino Fundamental para a Prática de Educação Física Escolar**. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, 2009.

SILVA, S. L. **Vivência de atividades circenses junto a estudantes de Educação Física: reflexões sobre Educação Física no Ensino Médio e tempo livre**. Licere, Belo Horizonte, n. 12, v. 2, p. 1-17, 2009.

SIMÕES, C. M; GOMES, F.R; OLIVEIRA, R. C. S. **Atividades circenses: limites e possibilidades nas aulas de Educação Física escolar**. 2008. 35 p. (Monografia em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Escola Superior São Francisco de Assis, Santa Teresa, 2008.

VENTURINI, G. R. O. et. al. **Atividade circense na Educação Física Escolar**. Revista Digital, Buenos Aires, n.146 v.15, p. 1-6, 2010.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.